

**NÓS TAMBÉM FALAMOS PORTUGUÊS,
DE AVANI SOUZA SILVA: UMA VIAGEM
LITERÁRIA E CULTURAL PELOS MUNDOS
DA LÍNGUA PORTUGUESA**

**WE ALSO SPEAK PORTUGUESE, BY AVANI SOUZA SILVA:
A LITERARY AND CULTURAL JOURNEY THROUGH THE
PORTUGUESE-SPEAKING WORLDS**

Paulo César Ribeiro Filho¹

¹ Pós-doutorando em Literatura Infantil e Juvenil pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Doutor e mestre em Letras pela mesma instituição. E-mail: paulo.cesar.filho@usp.br

RESUMO (RESENHA): SILVA, Avani Souza. *Nós também falamos português: histórias contadas nos países de língua portuguesa*. Ilustrações de Thales Fernando Pomb. São Paulo: Editora Martin Claret, 2023.

PALAVRAS-CHAVE: Língua portuguesa; Países de língua oficial portuguesa; Literaturas e culturas de língua portuguesa.

ABSTRAC (REVIEW): SILVA, Avani Souza. *Nós também falamos português: histórias contadas nos países de língua portuguesa*. Ilustrações de Thales Fernando Pomb. São Paulo: Editora Martin Claret, 2023.

KEYWORDS: Portuguese language; Portuguese-speaking countries; Portuguese language literatures and cultures.

Após contribuir significativamente com o espraio das literaturas e culturas de língua portuguesa em 2020 com *A África Recontada para Crianças* e, em 2021, com *A Ásia Recontada para Crianças*, ambas as obras publicadas pela Editora Martin Claret, a pesquisadora e escritora Avani Souza Silva trouxe a lume, em 2023, *Nós Também Falamos Português*. Com graduação, mestrado e doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo, a autora dedicou sua formação ao desenvolvimento de pesquisas em torno das culturas e literaturas dos países africanos de língua portuguesa, bem como sobre as narrativas orais de Goa, Macau e Timor-Leste. Na esteira das comemorações do centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo, ocorrida entre 13 e 17 de fevereiro de 1922, mostra-se relevante refletir sobre a importância da revisitação dos mundos ficcionais narrados em língua portuguesa enquanto exercício de reação à influência predominante das correntes estéticas europeias, uma das atitudes pilarizadoras do movimento em questão.

Sabe-se que Modernismo brasileiro teve grande impacto não apenas nas artes plásticas e na literatura, mas também na valorização das culturas e literaturas em língua portuguesa, consolidando, para além de uma identidade própria e autêntica no contexto brasileiro, o alargamento dos horizontes para além das fronteiras terrestres, mas ainda nos domínios de um parentesco linguístico até então pouco explorado.

Mário de Andrade, por exemplo, incorporou elementos do folclore brasileiro em *Macunaíma* (1928), resgatando mitos e lendas para construir uma narrativa inovadora e genuinamente nacional. O Manifesto Antropófago, escrito por Oswald de Andrade e publicado também em 28, propôs uma abordagem singular à assimilação das influências estrangeiras, defendendo a ideia de “devorar” as referências culturais externas para transformá-las em algo novo. Esse conceito reforçou a importância de valorizar as raízes culturais locais, destacando a diversidade e riqueza da cultura brasileira e abrindo a possibilidade de reconhecimento de artes e literaturas avizinhas em termos linguísticos. Mário de Andrade, além de escritor, foi um incansável pesquisador da cultura popular brasileira, dedicando-se a estudar e preservar as manifestações folclóricas e tradicionais do país. Ao romper com as convenções estéticas eurocêntricas, os modernistas abriram caminho para uma expressão mais autêntica e representativa, deixando um legado duradouro no cenário cultural brasileiro e no estabelecimento de diversos campos de pesquisa.

Os estudos publicados por Avani Souza Silva em torno dos mundos ficcionais narrados em língua portuguesa fazem parte dessa teia cuja confecção remonta a 1922. Com a intenção de recontar narrativas orais da CPLP — Comunidade dos Países de Língua Portuguesa — para “difundir no Brasil suas literaturas e suas culturas” (SILVA, 2023, p. 11), a pesquisadora endossa as próprias metas subjacentes à criação da referida entidade, “visando à preservação e divulgação da língua portuguesa e das culturas, o aprofundamento da amizade e da cooperação entre os países membros” (SILVA, 2023, p. 11). A obra reúne histórias advindas do Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial², Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Em seu prefácio “O narrar e o comunitário”, o professor Benjamin Abdala Júnior, um dos fundadores do programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo, enfatiza que o trabalho empreendido por Avani Souza Silva é interdisciplinar, pois abarca ferramentas analíticas e pressupostos metodológicos da antropologia, da etnografia, da literatura e mesmo da filologia, sobretudo por tratar-se de uma forma de tradução intersemiótica — da voz à letra e da letra ao reconto, ou seja, um processo de retroalimentação entre o oral e o escrito:

As narrativas orais pressupõem a participação do público na contação das histórias. Neste livro, há descrições de procedimentos que aproximam o contador das estórias e o público participante, com a apresentação de processos que articulam o contador e o público. (ABDALA JR, 2023, p. 10).

Ecossistemas ancestrais ressoam quase em uníssono no cruzamento das vozes que contam e recontam variantes de “A carochinha”, história presente na obra de Silva em sua versão portuguesa e de larga tradição no Brasil (aqui talvez mais conhecida como “Dona Baratinha”). A relação totêmica entre as mais variadas espécies animais em seus respectivos contos e países de origem abre margens para exercícios com-

2 Tal como anotado pela autora, faz-se necessário assinalar que “a Guiné Equatorial foi incorporada à CPLP em 2014, mas apenas em 2022 passou a ser Estado-membro de pleno direito, uma vez que aboliu, sob pressão nacional e internacional, a pena de morte na área civil, faltando ainda abolir na área militar” (SILVA, 2023, p. 11).

parativistas no que diz respeito ao *ethos* fabular comumente associado a espécies tipicamente europeias pelas vias das fábulas de Esopo, Fedro e La Fontaine. A onça, o elefante e o jacudi, por exemplo, estão entre os animais que o leitor de fábulas de matriz europeia não encontrará em seu *corpus* tradicional. Além de oportunizar a descoberta das personalidades associadas a tais bichos por diferentes culturas, a leitura e a mediação das narrativas em que figuram abrem espaço para a representação do espaço narrativo em que se inserem. As cores, aromas e sabores típicos dos nove países representados pelas histórias recontadas por Silva encontram-se engendrados no ato efabulatório realizado por uma pesquisadora da área, capaz de incrementar as narrativas com informações culturais, sociais e botânicas de cada nação. As ilustrações de Thales Fernando Pomb enriquecem ainda mais esse panorama de cores e formas já evocados pelo verbo que se plasticiza em imagem, oferecendo um foco de atenção a mais ao leitor infantil.

No contexto do Modernismo, a literatura infantil ganhou uma nova perspectiva, afastando-se dos padrões moralizantes e didáticos predominantes até então. A redescoberta das diferentes infâncias brasileiras contribuiu para a formalização de uma rede de movimentos pautados pelo estudo comparativista em torno das diferentes expressões do imaginário infantil nos países de expressão linguística portuguesa, um processo em pleno desenvolvimento e endossado pelas pesquisas de Avani Souza Silva. O uso da língua portuguesa como meio de expressão literária foi um elemento unificador nesse contexto. A literatura infantil sob a óptica modernista contribuiu para a formação de uma consciência cultural nas novas gerações, uma “conscientização” enquanto palavra de ordem nos ditames de Nelly Novaes Coelho. As histórias passaram a refletir não apenas a realidade imediata, mas também a diversidade cultural, social e geográfica do Brasil e dos países que conosco se comunicam em língua oficial portuguesa. Podemos citar, por exemplo, Cecília Meireles (1901-1964) e António Botto (1897-1959), que, no Brasil e em Portugal, demonstraram profundo interesse na investigação de questões relacionadas à educação das crianças e estabeleceram obras literárias voltadas para a infância e a juventude nos dois países, um trabalho continuado por Silva na contemporaneidade.

As relações entre o movimento modernista brasileiro, as culturas de língua por-

tuguesa e a literatura infantil são intrínsecas e profundas. O Modernismo proporcionou uma renovação na forma de contar histórias para as crianças, valorizando a diversidade cultural, a língua portuguesa e a possibilidade de observação de identidades tanto comuns quanto dissonantes entre os referidos países. Essa interação entre literatura, cultura e língua deixou um legado duradouro em termos de pesquisas acadêmicas e exercícios de criação artística, o qual encontra-se materializado em *Nós Também Falamos Português*, “livro-atitude” que corrobora a moldagem da maneira como as futuras gerações enxergam a si mesmas e o mundo ao seu redor, um ato emancipatório no contexto das relações Sul-Sul, dos intercâmbios culturais entre os países de língua oficial portuguesa e do estabelecimento de mais uma janela de diálogo para as jovens gerações que vierem a ter contato com os mundos ficcionais narrados em português em quatro continentes.